

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTONIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Dia de Portugal

10 de Junho — dia da Pátria — dia de Luís de Camões

O nome de Portugal anda intimamente ligado ao de Luís de Camões. Pronunciar um é evocar o outro tão íntima e forte é a união do nome da Pátria e do seu épico cantor.

Portugal, este cantinho de terra abençoada, viveu horas de glória, inebriado de sonho, correu alvoroçadamente sobre as ondas inquietas e traçoceiras dos oceanos, em busca dum Ideal, ao serviço duma Crença. Camões, louco e apaixonado, vive horas felizes mas efémeras e, como a Pátria, em dias de amargura, sofre incompreensões e vexames, sofre a inveja de contemporâneos mesquinhos, sofre a indiferença e o orgulho balofo dos que têm palácios e carruagens e não têm talento, nem espírito para admirar, nem coração para confortar das suas desditas, e da crueldade do seu destino.

Luís de Camões, concentrou no amor da Pátria toda a sua vida. Por Portugal lutou, por Portugal rezou fervorosamente, pela Pátria chorou com amargura e, finalmente, pela Pátria, erguendo aos Céus um poema de maravilha, cantou!!!... Cantou a melodia mais sentida, ora em requêros românticos, ora como farras de guerra, em linguagem alta e orgulhosa. O seu poema é um cântico e uma oração: um cântico de louvor, um cântico de exaltação e uma prece, uma súplica de bênçãos divinas para a sua

«ditosa Pátria, minha amada»

Há almas fadadas para sentirem a grandeza e a beleza dos feitos heróicos que gerações sucessivas foram praticando pela glória da Pátria, mas só as almas eleitas podem eternizar em obras de arte esses momentos sublimes da

História das Nações. E a História de Portugal andava dispersa em retalhos pelos seus castelos velhinhos, pelos padrões e cruzeiros singelos, pelos mosteiros e palácios recolhidos na sombra de árvores seculares. Estava gravada em poemas de pedra rendilhada, na Batalha e nos Jerónimos, andava em ecos perdidos pelas terras ardentes do Brasil, da África e da Ásia; escutava-se na voz tumultuosa dos mares que outrora embalaram as caravelas e quantas vezes as despedaçaram na fúria das tempestades de climas descobertos. Luís de Camões sentiu a grandeza das nossas tradições, amou-as profundamente porque sentia orgulho em ser Português.

Camões imortalizou em estâncias admiráveis os feitos épicos dos homens de antanho, que de alma ajoelhada ante o altar de Deus e da Pátria esperavam de pé, intrépidos e sorridentes a honra de morrerem servindo Portugal.

Camões viveu horas de profunda emoção revivendo os feitos mais belos e as lendas mais ternas da nossa História. Calcureando terras da África, da Índia e da China, o Poeta, mediu a estatura gigantesca, dos guerreiros, dos navegadores e dos Missionários que fizeram do torrão lusitano o Império Português.

Ninguém mais como Luís de Camões conheceu tão profundamente as virtudes da raça portuguesa. Por isso ele, enternecido e ufano, clamava nas primeiras estrofes dos Lusíadas:

«Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta»

Visado pela Comissão
de Censura

Nocturno

A tarde tombou devagar, medrosa, insinuante
e entornou as sombras pelos campos verdes e frescos
que se deram ao sol duma tarde curta de inverno.

A noite subiu sem pressas
e é já senhora de toda a terra.

Os braços amolecidos de cansaço descansam nos leitos pobres.

Os vales fecundos adormecem, sem anseios, sem inquietações.

As luzes da cidade perdem o brilho pela noite adiante.

E nos cabarés os loucos esquecem o tédio dos dias de sol
em orgias absurdas...

Lisboa

LUIZ FORTUNA DE CARVALHO

As tradicionais Festas das Cruzes

terminaram deixando no semblante dos visitantes

uma impressão agradável de colorido e animação

BARCELOS viveu horas altas de entusiasmo e animação pelo esplendor e brilho que, este ano, as Festas das Cruzes atingiram. O Sol veio emprestar ao ambiente uma nota festiva contribuindo assim para uma desusada animação.

A «Noite Luso-Galaica» foi iniciada pela banda de Zaragoza, que prendeu a numerosíssima assistência.

Seguidamente o grupo folclórico de Barcelinhos também se exibiu mostrando que tem possibilidades de se valorizar, o que deve fazer para engrandecer o rico folclore que é pertença desta região abençoada do Minho.

Depois a Secção Feminina da Falange Espanhola actuou, com inteiro agrado, revelando grandes qualidades nas suas danças e cantares galaicos.

O grupo espanhol recebeu justos e prolongados aplausos.

O programa do dia 5, domingo, constou, como estava anunciado, de um «Concurso de Traje da Região de Entre-Minho, Beira e Douro».

Foi uma maravilhosa parada etnográfica e folclórica, que deixou nos nossos olhos um dos melhores e mais encanta-

O Pensamento do mês

A escola sem Deus é o infinito sem rumo, é o universo morto, decapitado.

Guerra Junqueiro

A indústria siderúrgica em Portugal

O aproveitamento da energia hidráulica e a exploração dos jazigos de ferro podem transformar o nosso condicionamento de país tradicionalmente agrícola.

PORTUGAL, todos o sabem, é um País tradicionalmente agrícola. As circunstâncias e as exigências da vida moderna tornaram, porém, necessária uma revisão geral do condicionamento económico de muitos países, — e entre nós não se fugiu a essa regra geral, sendo múltiplas as afirmações e já bastantes os sintomas de que se pretende romper caminho no processo industrial.

O ponto de partida para a instalação da grande indústria siderúrgica, é o consagração *binómio ferro e carvão*. A grande razão do alto valor económico que as indústrias britânicas puderam atingir resultou, precisamente, da feliz circunstância da proximidade entre as minas de ferro e as de hulha. A verdade é que nós não temos — senão em quantidades de muito baixa influência — jazigos de carvão. Mas temos essa preciosa e sempre renovada fonte de energia que são as torrentes da vasta rede hidrográfica nacional: muitos rios, muitas quedas de água naturais, muitas águas para represar, muita energia perdida que tem de ser domesticada, aproveitada e facilmente transformada em corrente eléctrica que o consumidor português quase pode ter a «*patata*»: um cálculo citado em documentos oficiais, a partir de relatórios de técnicos, avalia em 9 biliões de unidades a energia a aproveitar dos rios portugueses, o que daria para cada habitante, um consumo superior a 1.000 kw/hora, quando o consumo efectivo actual está cifrado abaixo de 100 kw/h!

Vê-se, deste modo, que o problema da insignificância

dores desfiles a que temos assistido.

A fechar o programa, à noite, no rio, o turista pôde admirar um dos mais belos e deslumbrantes espectáculos: o fogo do rio e as margens do Cávado iluminadas com mais de 30 mil tigelinhas.

E assim terminaram este ano as tradicionais e típicas Festas das Cruzes.

da nossa extracção carbonífera está largamente compensado com as grandes possibilidades de aproveitamentos hidro-eléctricos em tão boa hora iniciados e em execução no nosso País.

E isto, apesar de realmente deslumbrante, — quase sonho! — já hoje não é segredo para o grande público, pois do problema se tem feito, ultimamente, algumas revelações que têm contribuído para a sua divulgação.

Menos se saberá, talvez, a respeito do que sejam as disponibilidades do nosso sub-solo em minério de ferro. E, essas disponibilidades afinal, existem em medida que se pode ter por surpreendente, quando tão habituados estamos a supormo-nos irremediavelmente condenados a viver apenas da exploração agrícola do solo — à apregoada minguia do nosso sub-solo...

As mais importantes jazidas de ferro até agora conhecidas no País são as de Moncorvo, onde está previsto existirem reservas de hematites avaliadas em 150 milhões de toneladas, com um teor de cerca de 50 por cento de metal.

Noutras zonas do País estão feitas pesquisas cujos resultados se têm na conta de apreciáveis, por exemplo: em Guadramil e no Marão (Trás-os-Montes) e no Alentejo.

Deste resumo de indicações extraídas do parecer dos deputados sobre as contas gerais do Estado relativas a 1945 — resulta efectivamente um conjunto de possibilidades que podem instruir uma nova mentalidade sobre o que possa vir a ser a vida económica nacional.

Recursos naturais, até agora por aproveitar, da sua valorização sistemática poderá resultar uma transformação capaz de elevar a um nível de dignidade as condições de vida da gente portuguesa.

Felizmente que está já em pleno estudo a efectivação do projecto de lei referente à instalação da indústria siderúrgica no nosso País, na sua primeira fase, o que representa a generalização e conse-

A Revolução continua...

«BOLETIM SOCIAL DA TEBE», sendo um jornal de trabalhadores, não podia deixar passar a data festiva do 28 de Maio, sem, de algum modo, se associar às grandes manifestações de nacionalismo que, em quase todo o País e muito especialmente em Braga, se realizaram.

Se a voz do «Boletim» é na verdade a expressão do sentir dos nossos trabalhadores por eles nos curvamos reverentes ante as figuras do Estadista notável, que ao serviço da Pátria têm dedicado a sua vida, as suas energias, a sua inteligência, o seu saber, e os seus mais belos ideais, na ânsia de elevar Portugal ao nível dos mais prósperos e progressivos estados.

Há 30 anos começou a Revolução Nacional, e, no dizer do Professor Doutor Oliveira Salazar, a revolução continua enquanto houver um português sem pão e um português sem lar.

Em 30 anos, Portugal, a par de inumeráveis melhoramentos e reformas, conseguiu uma posição de relevo no concerto das Nações, e sobretudo, Portugal reencontrou a fé no seu destino. A consciência nacional andava abalada, a confiança no futuro quase perdida... A revolução de 28 de Maio trouxe ao País a certeza de que pela união de todos os portugueses a Pátria ressurgiria triunfante e cheia de vigor para enfrentar e resolver os graves problemas económicos, sociais e políticos.

Tem sido, porém, para os trabalhadores portugueses, que o Estado Novo, se tem inclinado com mais carinho, lutando a seu lado pela conquista dum mais elevado nível de vida. Cremos bem que se não se conseguiu tudo quanto seria para desejar, muitas vezes tem sido pela falta de compreensão dos deveres de cada um.

Não faltam teorias balofas e inconsistentes mostrando a cada cidadão os seus direitos, mas sem a força precisa para impor igualmente a cada um os seus deveres, ainda que os mais rudimentares.

Comemoram-se 30 anos de uma política construtiva e cada terra do País o pode afirmar, pois são muitos os testemunhos desta onda de reno-

quente resolução do magno problema.

Oxalá muito em breve se possa já avaliar do êxito deste notável empreendimento nacional, cuja repercussão se torna supérfluo encarecer.

vação material: bairros, escolas, liceus, estádios, portos, estradas, etc., etc. Muito há ainda para fazer, porque Portugal é um país pobre e as dificuldades económicas e materiais têm de ser vencidas metódicamente.

Uma certeza nos deu porém e bem forte a política do Estado Novo — é de que só unidos poderemos lutar pelo bem de todos, e mais ainda — que a Pátria merece o sacrifício de cada português.

O patriotismo não se revela apenas no campo de batalha, mas sim na luta quotidiana pelo pão de cada dia, no trabalho consciente, e sobretudo no aperfeiçoamento moral de cada homem e na compreensão integral dos seus deveres de cidadão português — herdeiro duma história onde foram escritas páginas gloriosas de heroísmo, de bravura, de santidade, de abnegação, de sincero e profundo amor a Portugal.

M. L.

As parures TEBE, finíssimas e belas, são o sonho acalentado por todas as jovens.

Use sempre as malhas TEBE

Visitantes ilustres

Estiveram nesta cidade, de visita ao Curso de Altos Estudos Militares que, durante alguns dias na nossa terra funcionou, os Snrs. Coronel Santos Costa, Ministro da Defesa Nacional e Coronel Almeida Fernandes, Sub-Secretário de Estado do Exército.

Na Pousada da Franqueira foi-lhes oferecido, pelo nosso prezado conterrâneo Sr. General José António Beleza Ferraz, Sub-Chefe do Estado Maior do Exército um almoço que decorreu em ambiente de boa camaradagem e em que tomaram parte os Snrs.: General Botelho Moniz, General Ferreira Passos, General Flávio dos Santos, General Nunes da Silva, General Luís da Câmara Pina, General Humberto Pais, Brigadeiro Matos Maia, Brigadeiro Adelino Alves Veríssimo, Brigadeiro Valadares Tavares, Brigadeiro Dr. Joaquim Carrasca, Brigadeiro Pina Tormenta, Major Barros Rodrigues, Major Luís Soares de Oliveira, 1.º Tenente da Armada Melo Breyner e Capitão Bernardo de Sá Norgueira.

Também tomaram parte no almoço os nossos prezados amigos Snrs. Dr. João Beleza Ferraz e Antero Faria.



Fonte do meu saber

Crítica literária por António Baptista

O livro de poemas «Fonte do meu saber» da autoria do poeta Artur Tojal merece bem que sobre ele nos debrucemos para viver o valor duma personalidade poética recalcada; mas, ainda assim, capaz de plasmar «a largos tragos as mais cruéis e dolorosas verdades que vieram a acordar (nele) realidade de que o Mundo se divorciara há muito, e só a lição e o exemplo ficaram frutificando». E foi dentro do palco do mundo, com o seu riso satânico e milenário que Artur Tojal, desprezando convencionalismos hipócritas e mesquinhos, fez brotar do mundo dos seus sentidos a «Fonte do meu saber».

O livro, no seu conjunto, determina uma força nova, plena de intensidade, mas sempre dirigida no sentido de ocupar uma função que pode bem concretizar-se no poema 1 quando se nos abre assim:

*«De longe vim! Morri! Depois em mim nasci
Como tudo o que nasce e morre e não se vê...
Nasci de Alguém que é morto e foi pecador. E*

*sofrendo me resgato — a minha alma assim crê —
do mal que pratiquei, pelo qual não sofri,
na vida que vivi, da Era não sei quê!...»*

Embora, por vezes, se forme aquilo a que etimologicamente se pode chamar egocentrismo poético... também é verdade que um poeta é sempre uma personalidade em louca correria pelas expressões compreensivas e, de certo modo sintéticas. E assim, Artur Tojal, prossegue mais diferenciado quando se nos comunica de outra maneira:

*«Não fico permanente numa ideia
que outrora foi farol, hoje é candeia,
amanhã cisco que se deita fora».*

Por vezes dá-nos a impressão que uma dor, oriunda de fora mas vinda de dentro, o modifica e dilacera.

Vê-se que estamos em frente dum poeta que sofre, dum poeta para quem os grandes problemas do homem ainda merecem aquele carinho, aquela cedência de alma, aquele intenso e apaixonado desejo de convivência libertadora.

A esta certeza junta-se a virilidade da sua razão poética no desempoeirado poetar do poema n.º 6:

*«Dá-me teu braço, irmão, vem de jornada
a passear o mundo, que é preciso
na terra, dar a bênção dum sorriso
e a luz da fé, à gente que anda errada».*

Em todos os outros poemas se nota o latejar de uma alma bem formada para quem os problemas do homem nosso irmão merecem concreta interpretação.

Artur Tojal não é um novo nas lides poéticas e, por essa razão, os seus poemas revelam um conhecimento do homem e do mundo, acrescidos de uma ironia doce, que os torna lúcida e significativos.

*«Brinca, no espaço, uma incerteza amarga
do dia de Amanhã que já morreu
na fé que foi outrora um jubileu,
hoje desilusão que nos embarga
os passos duma vida ansiosa e larga».*

Apontamentos para uma monografia sobre PINHEL

Por António Baptista

A POESIA NA VOZ DO POVO

VOX POPULI, VOX DEI

PINHEL, mercê da sua antiguidade, é uma das terras portuguesas onde a poesia popular atingiu alto nível de perfeição e simbolismo.

Assim, da vizinha povoação da Atalaia, trazemos a lume algumas das suas mais típicas e características quadras populares, que enriquecem, sem favor, o multiforme folclore poético nacional.

Monteiro do Amaral, na revista «Lusitana», mostrou quão rica de beleza é a sentimentalidade da gente da Atalaia (Pinhel).

Se é certo que o simbolismo da rosa se repercutiu na poesia popular sob os mais variados e múltiplos aspectos também não deve ser ignorado do povo português que foi na Atalaia que o vilancico poético popular atingiu invulgares culminâncias. Se já bastante se disse e escreveu acerca da nossa riqueza poética popular também é verdade que ainda se não disse tudo. E não seremos nós, por certo, que iremos preencher as enormes lacunas que inundam os mais variados horizontes do folclore poético pinhelense.

Porém, temos a certeza absoluta que iremos dar a público algumas quadras totalmente ignoradas dos mais entendidos sobre estes assuntos.

Começemos por Atalaia servindo-nos da revista «Lusitana» onde a pena de Monteiro do

Amaral deixou escritas as seguintes quadras:

Sobre a rosa

*— Nossa Senhora é rosa,
O menino é craveiro;
Lindo cravo, linda rosa,
Lindo amor verdadeiro. (1)*

Quando a imagem de Nossa Senhora era levada em procissão, a gente simples e boa da Atalaia erguia aos céus estes quatro versos:

*— Que rosa é aquela,
Que vai no andor?
— É Nossa Senhora
Mãe do Senhor. (2)*

Outra quadra onde «mar de rosas» se evoca na saudade dos que partem:

*— O meu amor foi-se embora,
Não se despediu de mim;
O mar se lhe forme em rosas,
O navio num jardim. (3)*

O maior valor folclórico da rosa está na Rosa de Alexandria. Nesta evocação traçam-se paralelas onde a beleza da rosa e do nome de Maria se espiritualizam numa simbiose de exaltação interior.

*— A rosa, para ser rosa,
Deve ser de Alexandria;
A moça, para ser moça
Deve chamar-se Maria. (4)*

(Continua na página 4)

Verifica-se que em Artur Tojal há o desejo crescente de uma amplitude poética que não deseja ver confinada a uma «restrita subjectividade».

O lirismo de Artur Tojal é um lirismo que nos fala do seu intimismo quando se nos mostra desta forma:

*«E tive sonhos, ilusões de arminho,
como cantares dúlcifluos de fada».*

E esse intimismo é a autenticidade poética de Artur Tojal. Parece-nos que não diremos mal se considerarmos Artur Tojal um poeta de convicções comportadas por uma lírica confessional, que o torna pouco vulgar no sector poético de tantas pluralidades doentias.

Superstições — Azares e «prejuízos»

Crônicas dispersas de **João Paulo Freire (Mário)**

SWETT MARDEN, esse admirável filósofo moralista, tem, num dos capítulos de *O Caminho da Felicidade*, uma frase que vale bem um tratado completo de psicologia humana:

—Um sábio disse um dia: «Não creio em fantasmas; no entanto, tenho medo deles toda a minha vida».

Quantas pessoas conhecemos nós que não crêem em fantasmas, mas vivem a vida inteira sujeitas aos mais estúpidos *prejuízos!*

Ora, como simples resenha curiosa, juntemos aqui, num molhinho, todos os azares e *prejuízos* que um mero esforço de memória pode reunir para cinco minutos de leitura...

O dia 13 é o dia de azar por excelência! E, se calha à terça ou sexta-feira, a sua intensidade redobra. Neste dia não se iniciam trabalhos, nem viagens. Foge-se de morar numa casa que tenha este número, ou ficar no quarto n.º 13 dum hotel. Se viajarem 13 pessoas, o desastre é certo. Se comem 13 pessoas à mesa, morre, ou a mais nova, ou a mais velha, no espaço dum ano. Se um aluno obtém um 13 no seu 1.º exame, não chega ao fim do curso. Se se vai viajar e o combóio tem 13 carruagens, descarrila. Um amor começado a um dia 13 é um amor fatídico, um amor de tragédia. Se um casal tem 13 filhos, o 13.º é sempre um desgraçado. Enfim, o dia 13, se tem defensores exagerados, que o usam por berloque, é, todavia, o dia mais azarento do calendário, aquele que vive sobrecarregado ao peso de mais ódios e mais imprecações. É um dia que poucos desejam e quase todos detestam. Um dia no qual podia ter nascido o pior dos nossos inimigos...

A seguir temos a casa de esquina...

«Casa de esquina ou morte ou ruína».

Passar por debaixo duma escada é cortar a felicidade na vida.

Um marreco é azar visto em jejum, mas dá felicidade se lhe confiarmos a marreca com a mão esquerda.

Nunca se deve comprar jogo a um coxo, porque este não pode correr atrás da sorte; mas deve comprar-se a um cego, que a

pode vender à vontade, e sem pena, porque a não vê...

Com os animais a coisa é mais grave!

O piar da coruja e o uivar dos cães é sinal de morte inevitável. Casa com pombos é casa com tombos, e para cortar o azar é preciso dar o último casal ao SS. Sacramento. Ter cágados em casa é andar para trás na vida. Os gatos pretos dão sorte, mas vê-los na rua, em jejum, é negócio furado. Uma galinha, se canta como galo, pescoço cortado, porque indica desgraça.

Entornar azeite é desgraça próxima. Tinta, notícia desagradável. Sal, intrigas que incomodam.

Nunca se deve entrar numa casa senão com o pé direito, para ter felicidade.

Dormir, numa cama, com os pés para a porta da rua, é morte certa.

Quebrar um vidro é quebrar a felicidade. E se for um vidro de espelho, pior ainda.

Agora no capítulo dos sonhos temos que resumir, para não darmos um volume de 400 páginas...

Sonhar com ouro, são fésas. Com bois ou com cavalos, felicidade. Com uvas brancas, são lágrimas. Com cabelos, intrigas. Com água barrenta, desgraça. Com dentes, morte de parentes. Com carne de porco, morte de pessoa muito íntima. Com precipícios, quebra de felicidade na vida. Com mar, lágrimas. Com excremento, dinheiro próximo. Com aves, dissabores.

Estes são os principais e acabaram os cinco minutos. Mas há muitos que não registro e outros que variam de província para província e de terra para terra. Contentem-se o leitor com esses que aí ficam, que talvez alguns lhe toquem pela porta, que nisto de azares tanto pecam os espíritos fracos como os espíritos fortes.

É doença contagiosa que a todos toca, salvo raras excepções.

A propósito...
Havia numa das freguesias do

Apontamentos para uma monografia sobre PINHEL

(Continuação da página 3)

Ainda é da Atalaia a quadra que segue:

—Ó Maria porcajeira,
Ó porcajeira Maria,
As faces da tua cara
são rosa de Alexandria. (5)

Uma quadra de grande beleza em que o vate diz do seu gosto quanto à mulher desejada.

—A mulher, p'ra ser formosa,
Há-de ser do meu agrado;
Ter a boca pequenina,
E o cabelo ondeado. (6)

O povo, nas horas altas da alegria, também sabe rir e, às vezes, deleita-se em pôr a ridículo, embora sem maldade, aquilo que, no íntimo, não pode dispensar: os encantos e carinhos da mulher. Por vezes chega a ser ridículo na maneira de se exteriorizar.

Porém, esta quadra que vamos apreciar, é bem feliz no seu interpretar:

—A mulher e a galinha
Pouco devem passear:
A galinha bichos come,
A mulher dá que falar. (7)

As rosas tiveram sempre o grande dom (quer dos homens simples e bons, quer dos altos senhores) de persistirem como alimento lírico da nossa sensibilidade latina.

É de Pinhel esta outra quadra de forte sabor sentimental:

—A rosa que tu me deste
Era um botão encantado
Guardai-o dentro do peito
Fiquei logo apaixonado. (8)

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 — Publicadas na *Revista Lusitana*, por Monteiro do Amaral, nos n.ºs 115, 402, 228, 139, 197, 221, 214. A quadra 8 foi-nos dita por pessoa idónea e que sobre ela algo tinha escrito; cremos ser desconhecida do grande público.

As parures TEBE, finíssimas e belas, são o sonho acalentado por todas as jovens.

Use sempre as malhas TEBE

meu concelho um homem de apelido *14* cujo *soubriquet* já lhe vinha do Pai. Averigüei da razão e soube isto. O Pai fora feitor do Marquês de Ponte de Lima. Sempre que havia jantar com 13 pessoas à mesa, mandava-se encasacar o homem e ele assistia ao banquete. Daí a alcunha. Por fim o Marquês já dizia: «chame o *14*». E foi assim que nasceu e ficou nesta família, de pais para filhos, este apelido.

Júlio Rodrigues Torres

No passado dia 28 faleceu, nesta cidade, o Snr. Júlio Rodrigues Torres, viúvo, proprietário, de 65 anos de idade.

O extinto era pai das Senhoras D. Maria de Lourdes Figueiredo Torres e D. Maria Lucília Figueiredo Torres; sogro do Snr. Francisco Duarte Carvalho; irmão da Snr.ª D. Maria Deolinda Torres Matos e do nosso bom amigo Sr. Dr. Francisco Rodrigues Torres, sócio da TEBE e tio dos também nossos amigos Srs. Francisco José Faria Torres e Dr. José António Torres, sócios da mesma Empresa; Armindo, António e Júlio Torres Matos e José Otoni Torres Martins.

Da igreja do Senhor da Cruz até ao cemitério municipal constituiu-se um único turno pelos sobrinhos.

Além de muitas centenas de pessoas, tomaram parte no funeral os Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos, as educandas do Recolhimento do Menino Deus e Creche de Santa Maria.

«Boletim Social da TEBE» envia às famílias enlutadas o seu cartão de pêsames.

Livraria ATEMA

Rua D. António Barroso

A única, em Barcelos, que tem tudo em artigos de escritório, livros nacionais e estrangeiros. Artigos de bazar e ménage.

Uma casa honesta com preços sem rival.

Aniversários

Bem contra nossa vontade não se publicam, neste número, os aniversários.

Passatempo

No próximo número faremos referência à distribuição dos respectivos prémios aos vencedores.

Definições

Diplomata — O homem que sabe a data de nascimento de uma mulher, mas ignora a sua idade.

Banqueiro — O homem que se declara pronto a emprestarnos dinheiro quando sabe que não precisamos dele.



PAGINA DESPORTIVA

Dirigida por José Pires Bigote

UM PROBLEMA

O QUEI EM PATINS barcelense, é já, sem dúvida, alguma coisa na vida desportiva local. Uma modalidade praticada por três clubes, numa terra como Barcelos, tem, quere-nos parecer, o direito de ser olhada e compreendida com mais boa-vontade e que também, aqueles que pugnam pelo seu engrandecimento, vejam a sua tarefa, por vezes bem ingrata, facilitada na medida do possível.

Não seria necessário muito, apenas que as legítimas aspirações e as necessidades prementes, tivessem um solução, se não imediata, pelo menos com possibilidades de execução rápida.

Continuam os clubes a debater-se com o problema dos balneários no rinque e, esta época, com a agravante, que pensamos será um pouco vexatória para a cidade no caso do problema continuar insolúvel como até aqui, de o rinque não ter sido aprovado por falta de balneários, tendo portanto os clubes que ir jogar fora da terra.

Por várias vezes se procurou resolver esta dificuldade junto das entidades responsáveis, porém, até agora, nada de concreto se obteve, com manifesto prejuízo para a modalidade e para o Turismo desta cidade.

Deixou de se organizar em Barcelos a Taça de Honra do Minho, quando esta é a cidade Ideal para tal prova por ficar no centro e a curta distância das localidades com clubes praticantes. Não se aceitou o oferecimento amável do Turismo Oquei Clube das Termas de São Pedro do Sul, que pretendia efectuar um desafio de propaganda com o Clube Desportivo da TEBE, e, o que é muito pior, não têm os clubes condições para preparar convenientemente as suas equipas tendo em vista o campeonato que se aproxima.

Até quando teremos que contar com esta apatia e este desinteresse? Não o sabemos, e só é de lamentar que os esforços duns tantos, em prol dum desporto que será mais um veículo de divulgação para o nome desta terra, acabem por se tornar improficuos, e se percam, por falta de um apoio que deveria ser prestado mesmo sem que necessário fosse solicitá-lo.

Pires Bigote

É BOM DESPORTISTA TODO AQUELE QUE RESPEITA O SEU ADVERSÁRIO

TAÇA DE HONRA

A CABOU de se disputar em Guimarães a primeira prova oficial do Oquei em Patins do Minho, à qual concorreram apenas seis clubes. Pena foi que os restantes não dessem a colaboração a esta prova, que constitui sempre um óptimo meio de adaptação e observação.

O Vitória de Guimarães, um dos clubes com mais possibilidades para organização, não só sobre o ponto de vista de campo de jogo como também de assistência conseguiu levar a bom termo mais este empreendimento tendo-se realizado todos os encontros em Guimarães.

Que o Vitória de Guimarães continue sempre na vanguarda das organizações que contribuam para o desenvolvimento e propaganda do oquei minhoto, são os nossos desejos.

Os resultados verificados nas cinco jornadas são os que se seguem, tendo vencido a prova a equipa do Famalicense.

1.ª JORNADA

TEBE, 2	—	Famalicense, 2
Taipas, 3	—	Académico, 5
Vianense, 4	—	Vitória, 2

2.ª JORNADA

Famalicense, 7	—	Académico, 1
TEBE, 1	—	Vianense, 2
Vitória, 7	—	Taipas, 2

3.ª JORNADA

Taipas, 0	—	TEBE, 3
Vianense, 3	—	Famalicense, 8
Vitória, 2	—	Académico, 2

4.ª JORNADA

Famalicense, 7	—	Taipas, 4
Vianense, 2	—	Académico, 8
Vitória, 1	—	TEBE, 1

5.ª JORNADA

Académico, 2	—	TEBE, 2
Taipas, 2	—	Vianense, 10
Famalicense, 3	—	Vitória, 4

Classificação Geral

	J	V	E	D	F - C	P
1.º — Famalicense	5	3	1	1	27 - 14	12
2.º — Vitória	5	2	2	1	16 - 12	11
3.º — Académico	5	2	2	1	18 - 16	11
4.º — Vianense	5	3	-	2	21 - 21	11
5.º — TEBE	5	1	3	1	9 - 7	10
6.º — Taipas	5	-	-	5	11 - 32	5

Analizando e apreciando os resultados obtidos, chega-se facilmente à conclusão que com excepção das Taipas todos os

Noticiário

SEGUNDO consta parece que o Oquei Clube de Barcelos resolveu, finalmente, o problema da Sede Social. Congratulámo-nos que assim tenha sucedido e desejamos-lhe os maiores êxitos.

× × ×

Um grupo de sócios do Clube Desportivo da TEBE e do Oquei Clube de Barcelos fez a primeira saída Campista, realizando-se o acampamento na Franqueira.

× × ×

O Clube Desportivo da TEBE vai dentro em breve organizar a secção de Campismo para o que vai proceder à compra de material e legalização dos praticantes.

× × ×

Nos próximos dias 9 e 16 de Junho conta o Oquei Clube de Barcelos realizar dois festivais com a colaboração do Termas Oquei Clube e União Desportiva Sampedrense.

× × ×

No próximo dia 3 de Junho realiza-se em Barroselas um festival para apresentação das equipas do grupo local. Colaboram o Clube Desportivo da TEBE e o Vitória Sport Clube de Barcelinhos.

× × ×

O Oquei Clube de Barcelos vai organizar as eliminatórias concelhias da Légua Nacional, uma organização do Sport Lisboa e Benfica, de colaboração com o jornal desportivo «O Record».

restantes se equilibravam em valor. O Famalicense, equipa a que não queremos, nem podemos negar valor, ganhou porque teve pelo seu lado o factor sorte, e, conseguiu manter sempre o mesmo nível de jogo, que é afinal o mais importante neste género de provas em que a recuperação dum deslize é impossível.

Poderemos pois contar para este ano com um campeonato difícil com equipas muito iguais prevendo-se luta renhida para o posto cimeiro.

BIG

Festas a Santo António

Com pedido de publicação recebemos a seguinte circular:

«...Snr.

A Comissão de festas do Bairro Dr. Oliveira Salazar, vem dar conhecimento a V. que é já nos próximos dias 16 e 17 de Junho (p. f.) que se realizam importantes festas em honra de Santo António.

Informaremos V., que os festejos constam do seguinte:

DIA 16— Às 8 horas, salva de 21 tiros; às 10 horas, entrada de grupos de «Zés P'reiras» e uma banda de música; às 12 horas, descerramento de um monumental altar a St.º António; durante a tarde haverá divertimentos e às 22 horas, grande marcha luminosa.

DIA 17— Continuação dos festejos; às 21 horas, cantares populares pelas raparigas do Bairro, grande Quermesse, fogo de artifício, iluminações eléctricas e ornamentações a cargo de João Faria (Filho), de Barcelinhos».

*

Estamos convencidos que se vão revestir da maior animação estas festas do Bairro Dr. Oliveira Salazar. É-nos grato verificar como um conjunto de boas vontades orientadas no belo desejo de enaltecer o núcleo deste bairro citadino, consegue, pelo seu esforço, e pelo seu trabalho alheio a recompensas materiais, apresentar um programa tão variado e que promete ter foros de festejos pomposos. Bem sabemos que a gente do nosso povo, nunca se escusou a despesas ou canseiras, quando se trata de festejar o nosso querido santo português — Santo António.

O Bairro Dr. Oliveira Salazar é quase exclusivamente um aglomerado operário, por isso de fracos recursos monetários, razão porque mais admiramos a união de toda a sua gente, ligada no íntimo desejo de celebrar Santo António e de mostrar à cidade o seu profundo bairrismo e a sua vaidade por aquele encantador pedacinho da cidade. Ali vive uma população de trabalhadores que, ganhando honestamente o pão de cada dia, se senta feliz à soleira das casinhas airosas, conversando amigavelmente com os vizinhos, como se, de uma grande família se tratasse.

Deus queira, que os organizadores destes festejos a St.º António, vejam coroados de êxito os seus trabalhos. Que St.º António faça o Bairro viver horas de uma alegria sãdia, pois de mistura com os cantares e os folguedos, andarão certamente preces pela felicidade de todos quantos ali vivem e a St.º António se confiam.

Cávado, o Rio Feiticeiro...

À noitinha, debruçado sobre o Cávado, observo o movimento das águas, dobrando-se sobre si mesmas, e cuja cor se transforma ao mesmo tempo, instantaneamente, de verde glauco, transparente, em nivea branquilha de arminho, assemelhando-se a um friso de rendas de complicado desenho, caprichosamente modificado nos seus fantásticos recortes, no correr das águas sem cessar...

Atrai-me também o brilho do astro-rei, que ainda há pouco não se podia fixar e dir-se-ia de ouro muito reluzente. Mas agora, tem o tom sedutor, aquele tom que palpita em meu coração e constantemente parece irradiar de si centenas de pepitas, que com enorme velocidade percorrem o firmamento em todas as direcções, como uma chuva de estrelas, diabólicas e tentadoras.

Antes de me sentir cansado desta contemplação, o sol entra na zona nublada e desaparece como por encanto.

Por fim, surge no horizonte

uma fantástica e inesperada metamorfose, um disco rubro, que ao bater nas águas puras e cristalinas as torna límpidas, parecendo por vezes prateadas. É uma aleluia de luz, orgia de cor, que seduz e encanta, deslumbra e cativa, domina e subjugava; vindo pôr um ponto final a esta maravilha, a noite alta, talvez... o romper do dia.

Parece um surpreendente fogo de artifício aquático, enchendo o rio de curiosas cintilações, fulgurantes reflexos, estranhas fosforescências que brilham aqui e ali, correndo do cimo das águas, delimitando a margem e têm qualquer coisa de fantástico e de hipnótico, a que tarde e a custo me arranca.

É sempre o Minho, cantinho de poentes maravilhosos e noites de sonho, tão variados em seus aspectos e em ambos sem rival, em si e no cenário da maravilha em que a natureza exhibe os seus atractivos, as suas galas sem par!

Eis pois uma pincelada do rio Cávado.

SIDÓNIO FERREIRA

○ Movimento Surgiu...

○ **escutismo, fonte de saúde moral e física, merece bem o nosso carinho**

○ **escutismo merece ser acarinhado com aquele respeito interesse, que merecem as coisas preciosas. E merece ser respeitado porque ele nasceu «de Robert Baden-Powell quando este começou a escrever «O Escutismo para Rapazes», que publicava quinzenalmente a quatro dinheiros cada Sirvamo-nos, de momento, das conceituadas palavras do coronel John Wilson, quando se refere à genese do escutismo mundial saído das ideias luminosas de Baden-Powell.**

«Esse homem que havia mais tarde de vir a ser o Escuteiro chefe Mundial — título único saído do próprio coração dos rapazes de muitas nações diferentes, que o aclamaram pessoalmente seu Chefe — tinha em vista os rapazes da sua pátria, a Grã-Bretanha. A sua natural modéstia não previa que as mesmas ideias atrairiam os rapazes amantes da liberdade, mas uma vez convencido que assim era, logo se apercebeu que havia lançado uma ideia — um movimento que podia ser aproveitado para fomentar a compreensão, a amizade e a paz em todo o mundo.

Após 1908 houve já duas guerras mundiais que estorvaram mas não impediram a expansão e desenvolvimento gradual e contínuo do Escutismo, que, ao aproximar-se das suas Bodas de Ouro tem o efectivo de seis milhões, além dum número quatro ou cinco vezes maior de elementos, que na mocidade, foram influenciados pelos seus ensinamentos».

O escutismo encontrou no seio de todas as nações civilizadas aquela aceitação, que se confirmou e cimentou através das Escolas e da Igreja.

E a razão porque o **escutismo** encontrou lugar de destaque na Igreja e na Escola deve-se ao facto de ser ele «instrumento precioso na formação de juventude».

O escutismo é, sem favor, um movimento; mas um movimento que contribue para estreitar os laços entre os escuteiros portugueses com os seus irmãos escuteiros de outros países.

Em todos os números do nosso *Boletim* nos referiremos ao escutismo, divulgando-o, à sombra de obras e ensinamentos ultimamente assimilados.

A lei do Escuteiro define bem o alto ideal que lhe pertence:

- 1.º — O Escuteiro é verdadeiro; a sua palavra é sagrada;
- 2.º — O Escuteiro é Leal;
- 3.º — O Escuteiro é prestável e auxilia o seu semelhante;
- 4.º — O Escuteiro é amigo de todos e todos os escuteiros são seus irmãos;
- 5.º — O Escuteiro é cortez;
- 6.º — O Escuteiro é bom para os animais e plantas;
- 7.º — O Escuteiro é bom e disciplinado;
- 8.º — O Escuteiro é alegre e sorri perante as dificuldades;
- 9.º — O Escuteiro é económico, sóbrio e respeitador do bem de outrem;
- 10.º — O Escuteiro é puro no pensamento, nas palavras e nas acções.

CAMPISMO

Por Waldemar Esteves

Numa feliz iniciativa de um grupo de sócios, do Clube D. da TEBE e Oquei C. de Barcelos, realizou-se para o Monte da Franqueira, nos passados dias 12 e 13, a 1.ª saída do ano.

Não se pode chamar bem campismo; Era-mos todos, ou quase, estreantes e foi uma experiência de adaptação.

A saída de Barcelos, teve início no sábado dia 12 e o regresso, no dia seguinte, ao fim da tarde.

Camaradagem e boa disposição eram o «lema» de todos.

Nos trajectos, poucas piadas e anedotas se ouviram, por ser pouca a atenção para admirar a variedade de tons, que a Natureza se prodigaliza a em-

prestar e combinar, fazendo deste Monte uma pura telureza.

Tudo aqui para o naturalista tem beleza; desde o grilhão dos grilos, (nesta época do ano monótono e certo, que lembra a cintilação duma estrela, até o assobio jovial do melro, que nos extasia.

O pôr do Sol! Eis um espectáculo belo em qualquer parte, mas aqui, por excelência, é bem maravilhososol...

Mar, rio, campo, monte e sol, fundem-se numa simbiose de sonho, fazendo-nos esquecer os vários problemas cotidianos, de absorvidos que nos põem.

Em síntese: um óptimo fim de semana, que por certo muito contribuirá, para a expansão de um desporto e dum recreio turístico, esquecidos, mas de grande beleza sempre renovada.

Defesa Civil do Território

Curso de Instrutores Gerais

Está previsto, brevemente, o funcionamento, na sede deste Comando Distrital, em Braga, de um CURSO PARA INSTRUTORES GERAIS DA DEFESA CIVIL, ministrado por professores da Escola Regional da Defesa Civil do Porto, o qual se destina a ser frequentado por instruendos já habilitados com o Curso Básico e tendo como habilitações literárias mínimas o curso geral dos liceus ou equivalentes.

O curso terá a duração de cerca de um mês e será ministrado à noite, em dias alternados, destinando-se a preencher o Quadro de Instrutores da D. C. do Comando de Braga, tornando assim possível a realização de cursos básicos em todo o Distrito e deve ser frequentado por instruendos que garantam a mais activa e dedicada colaboração aos serviços da Defesa Civil do Território.

As inscrições para a frequência do referido Curso devem ser feitas na sede do Comando da L. P., à Avenida Central, em todos os dias úteis das 9 às 17 horas.

Organização Corporativa

Novos salários para as indústrias de sedas e passamanarias

Por despacho do Snr. Ministro das Corporações e Previdência Social, de 30 de Março último, foram estabelecidas novas condições de remuneração do trabalho para as indústrias de sedas e passamanarias em aditamento ao acordo colectivo de trabalho para a indústria têxtil dos distritos de Braga e Porto.

O âmbito do aditamento referido foi alargado, pelo que ficam sujeitas à disciplina todas as empresas dos distritos de Braga e Porto que o tenham, ou não, subscrito, e quantas, nos restantes distritos do continente exerçam as indústrias em causa.

As novas condições de remuneração do trabalho entraram em vigor a partir de 30 de Abril findo.

Talvez não saiba que:

a) O tratado de METHWEN, constava, em resumo do seguinte: — O Rei de Portugal obrigava-se, por si e pelos seus sucessores, a «admitir para sempre no reino de Portugal os panos de lã e mais fábricas de lanifícios de Inglaterra, como era costume até o tempo em que foram proibidos pelas leis»; o rei da Inglaterra obrigava-se, por si e seus sucessores, «para sempre» a «admitir na Gran Bretanha os vinhos do produto de Portugal»;

b) Pedro 1.º o Grande, tsar da Rússia, nasceu em Moscovo e fez da sua Pátria uma nação civilizada;

c) Holómetro é um aparelho destinado a medir a altura angular dum ponto acima do horizonte.

Auxiliai o Recolhimento do M. Deus

É uma obra assistencial que merece de todos nós os mais rasgados elogios.

Os vossos filhos encontram nesta casa a protecção e o carinho necessários ao revigoreamento do espírito.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não nos é possível publicar a continuação da conferência sobre Fernando Pessoa nem outro original entregue posteriormente ao dia 10, do que pedimos desculpa.

Centro Beirão de São Paulo

Do Centro Beirão de São Paulo recebemos uma circular em que nos dá conhecimento dos novos corpos gerentes de 1956. Oportunamente nos referiremos a este Centro de grande repercussão no Brasil.

Entretanto agradecemos o envio da respectiva circular.

As malhas

TEBE

caminham na vanguarda do bom gosto



A senhora elegante adora as

Cintas **TEBE**

Portugal de lés a lés, usa as malhas **TEBE**, porque elas, além de bem confeccionadas, são inalteráveis tanto na forma como na côr e marcam uma distinção, que não receia confronto.

CURIOSIDADES

Um conferencista, num teatro é interrompido por um ouvinte:

—Mais alto! Mais alto! Não se ouve nada!

O conferencista elevou a voz, mas foi novamente interrompido:

—Mais alto! Mais alto! Não ouço nada.

Na Ópera

— Ainda não cansaste de ouvir este tenor? Por que não vamos embora?

— Porque no terceiro acto matam-no, e eu não me quero privar de vê-lo morto.

Entre judeus

— Parece-me que o Salomão deu o último suspiro.

— Pois é a primeira vez na vida que ele dá alguma coisa.

Na escola

— Então, como é isso? Você escreveu numa só página sobre o leite, quando os seus colegas encheram quatro ou cinco...

— É que... eu escrevi sobre o leite condensado.

Sabedoria do Povo

— Não se apanham pássaros velhos com redes novas.

— Se o grande fosse valente, o pequeno paciente e o ruivo leal, todo o mundo seria igual.

— Ande onde andar o verão, há-de vir no S. João.

Talvez não saibas que o suor é dos trabalhos mais úteis à pele. Quando o corpo transpira vê-se livre de muitas tóxicas (substâncias venenosas).

O suor é necessário à saúde, para que a temperatura se mantenha fixa, tanto no verão como

no inverno, tanto de noite como de dia.

Dizem que foi autêntica:

O médico. — Como vai o senhor Professor?

A criada. — Bastante mal, senhor doutor. De cinco em cinco minutos tem um ataque de tosse que lhe dura meia hora.

Sabia que Alfredo Keil, nascido em 1850 e falecido em 1907, foi pintor, poeta, músico e autor do hino nacional «A Portuguesa?»

Uma que foi de ontem, é de hoje e será, possivelmente, de sempre.

— Um — Venho propor-lhe um negócio rendoso, com lucro certo...

— Como?!

— Em troca da mão da sua filha.

Algumas máximas sobre Economia:

Sem economia, riquezas grandes não as há; e também, com ela não há pobreza. — *Sêneca.*

A razoável economia está entre a prodigalidade e a avareza. — *Oxenstiern.*

O homem mais rico é o homem económico, e o mais pobre é o avarento. — *Chamfort.*

Quando se dissipa o património com loucuras procura-se restaurá-lo com culpas. — *Tácito.*

De vez em quando

S. e Santo

O emprego de S. ou Santo regula-se pelo seguinte princípio: Quando o nome do santo começa por vogal ou *h*, escreve-se Santo por extenso; eis: Santo António, Santo Hilário; se principia por consoante, escreve-se a abreviatura S. que se lê São; S. João, S. Pedro, etc.

A Morte do Átomo

QUEM, do espaço ocupado na estante pela obra de qualquer romancista cujos livros vão além de papel impresso e brochado — há-os só comparantes, ou pior, a frascos de nado-mortos —, daí levianamente conclua que tudo quanto o escritor quis ali o tem, muito se enganará, meça embora de memória se de tal for capaz, a galeria de almas e a sucessão de dramas que em tal obra se dilata. Mesquinho cubículo seria o crâneo de um criador de paixões, se tudo quanto viu o houvesse passado ao papel, ainda que mil anos vivera e outros tantos volumes deixara. Acreditam que o melhor, o mais decantado e estreme, o leva angustiadamente para a cova: sobretudo pelo salto que vai do pensar, do ver instantâneo, à desesperadora morosidade da escritura, pois sempre desaproveita muito mais do que retém. Ocorre-me a comparação de um carro atirado à rédea solta e atulhada de diamantes, que os fosse caminho fora cuspidos e ao termo só chegasse com ralos pedregulhos, nem sequer dos de mais pura água. O melhor perde-se. Vê o escritor num instante a obra perfeita: escrevê-la é subir um calvário: para mais que, na subida, quantas e quantas luzes ainda lhe luzem: meteoros desaproveitados. Na guerra entre o espírito e o tempo, aqui o espírito é vencido.

Casos há em que o romancista chega a ser totalmente um falhado: a preguiça e as circunstâncias não deixaram que traçasse uma linha, — e de que era romancista só os íntimos darão notícia, os demais não acreditam e sorriem, até radiantes, que sempre é aborrecido ter de reconhecer ao próximo qualquer superioridade.

O caso normal, porém, é o do romancista que logrou apri-sionar um mínimo do que viu, e assim o de Eça de Queirós, por exemplo, a um tempo triun-

fador e vencido, e nem por diferente razão se decompôs em personagens várias e afins.

O falhado total foi o Eça, quem endossou o projecto de «As Memórias de um Átomo», concebidas no tempo das «Pro-sas Bárbaras», quando nem com «Os Maias» sonharia. Contemporaneamente Eça imaginou os «Apontamentos de Viagem de uma Raiz de Cipreste» e as «Memórias de uma Força», de que chegou a traçar um capítulo: livros irmãos.

Veja-se em João da Ega a parte de preguiçoso e diletante que havia em José Maria de Eça de Queirós, e daí não andarem hoje as «Memórias de um Átomo» pelas montras dos livreiros, ao menos difusas através de «Os Maias», à semelhança da novela histórica de Gonçalo Mendes Ramires. Ao Mefistófeles de Celorico, apenas os agulhões da mulher e da vaidade lograram espicaçar para que escrevesse o episódio de «A Hebreia», do qual o seu imaginador não deixou mais que tabelioa certidão narrativa e o período final «como um cheio de órgão».

Do livro que foi das primeiras e mais duradoiras ambições de Eça de Queirós — tão fundas que muitos anos depois ainda era seu pesadelo —, ficou apenas que em dado passo da sua peregrinação o átomo foi beijado, quando integrado nos lábios do príncipe Frank, até que, transportado pelo chuço de um rei-*tre*, o coração do príncipe amoroso parou e arrefeceu.

Vivera Eça de Queirós em nossos dias, e certamente que das «Memórias» já saberia o capítulo final: o seu átomo desintegrado sobre Hieroshima, parando repentinamente de talar, morto, enquanto a celebrada nuvem cor de laranja e à feição de um cogumelo abrasaria o céu japonês.

Tomaz de Figueiredo

CARTA DE LONGE

É sempre com crescente ansiedade que aguardo a chegada do «Boletim Social da TEBE». É sempre com grande entusiasmo que me deleito na leitura dos seus artigos, dos seus passatempos, enfim, dos seus escritos.

É um jornal sensato, honesto e que veio ocupar um lugar de justificado interesse na classe trabalhadora da Nação.

Está bom de ver que é feito nas horas vagas e, por essa razão, ainda mais merece a nossa estima e divulgação.

Oxalá que não desanime na dura caminhada que, certamente, ainda terá de conquistar.

Não desanimem e marchem seguros da força e entusiasmo que sempre lhes deu ânimo para não sucumbir.

De V.

Um leitor assíduo

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS